



A PROFESSORA A PARTIR DOS DESENHOS E DAS DESCRIÇÕES DAS CRIANÇAS

Ronilda Rodrigues da Silva Oliveira¹

INTRODUÇÃO

O estudo se propôs analisar de que forma as professoras que atuam em uma instituição de Educação Infantil (EI) da rede municipal em uma cidade do interior da Bahia são descritas a partir dos desenhos e das explicações das crianças. Dar visibilidade às vozes e expressões das crianças foi um ponto crucial nesta pesquisa, uma vez que através da análise dos resultados pude compreender o que as crianças pensam ou indicam sobre suas professoras, já que a EI consiste na primeira experiência de educação formal da criança de zero a cinco anos, período em que ela começa a participar das primeiras orientações sistematizadas, com vistas a contribuir para seu processo de desenvolvimento.

Segundo Vigotski (2007), a criança interage com os colegas e os adultos de forma a construir suas experiências e estas relações fortalecem vínculos e ampliam as possibilidades em seu desenvolvimento. Nestas interações o papel do adulto é bastante relevante, uma vez que, através do diálogo, das brincadeiras e das múltiplas atividades ele se aproxima das crianças promovendo momentos de aprendizagens. Assim, para o desenvolvimento desta pesquisa realizei uma estratégia de interlocução mediada por desenhos, com crianças de cinco anos, a partir dos seguintes questionamentos: De que forma as professoras são descritas pelas crianças? O que as crianças indicam, analisam ou descrevem acerca das professoras ou de suas práticas pedagógicas em diferentes momentos do processo educacional?

A partir de estudos como os de Sodré (2005; 2006; 2007) foi possível recorrer ao desenho como recurso mediador nas interlocuções com as crianças, pois este favorece a aproximação do adulto no sentido de possibilitar a escuta das vozes das crianças e meios para que elas expressem suas análises a partir do que foi desenhado.

¹ Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Atualmente é coordenadora da Educação Infantil do Núcleo Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista. Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Maurício de Nassau, Brasil. Endereço eletrônico: ronilda_oliveira@hotmail.com



ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

No trabalho de campo, inicialmente houve um período de entrosamento junto às crianças na escola, com o apoio de um caderno de campo, no qual foi possível registrar a rotina das crianças e detalhes do contexto educacional. Em seguida preparei as condições para o processo de interlocução com as crianças, realizando-o com 8 crianças, em três etapas previamente organizadas. Na primeira, solicitei que as crianças **desenhassem as pessoas que trabalhavam na creche**². As crianças tiveram liberdade para desenhar quantas pessoas quisessem e ao fazerem foram convidadas a descrever essas pessoas de acordo com questionamentos como: Quem são essas pessoas? Por que você escolheu desenhar essas pessoas? O que elas fazem aqui na creche? O que você gostaria que elas fizessem? Na segunda, as crianças deveriam **desenhar uma professora da creche**. Na terceira, as crianças deveriam **desenhar sua professora**. Com essa proposta as respostas das crianças permitiriam identificar quando e como suas professoras aparecem na pesquisa.

Neste texto vou me deter especificamente nos resultados e discussões geradas a partir dos desenhos da primeira etapa desta pesquisa. Dito melhor, um dos objetivos de estudo era analisar quem era a primeira pessoa a ser desenhada pelas crianças e que motivos justificavam a escolha desta pessoa. Parto da premissa que a professora poderia aparecer como a primeira pessoa a ser retratada por ser a que diretamente está responsável pela organização do tempo e das atividades desenvolvidas na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira etapa solicitei que desenhassem pessoas que trabalham na instituição. Das oito crianças participantes da pesquisa, quatro crianças (três meninas e um menino) desenharam sua atual professora na referida etapa, as demais participaram da segunda etapa da pesquisa, quando foi solicitado que desenhassem uma professora da instituição. A análise permite assinalar que os desenhos podem ser assim descritos: - uma criança

² Na interlocução com as crianças o termo “instituição” foi substituído por “creche”, pois era a forma como todas as pessoas se referiam ao espaço.



desenhou sua professora atual; - uma desenhou uma professora da turma de quatro anos; - duas desenharam a professora atual, professoras de outras turmas e a pesquisadora; - uma criança desenhou a merendeira, a professora atual e a professora de outra turma; - duas crianças desenharam as merendeiras, uma criança desenhou o porteiro, monitores do Projeto Escola Mais e a merendeira.

As opções das crianças pelas pessoas desenhadas foram diversas. Aparecem entre as escolhas das crianças tanto as pessoas que fazem parte do seu convívio diário (funcionários), quanto as que não frequentavam a instituição com muita periodicidade (monitores do projeto Escola Mais e a pesquisadora). Pude constatar que as professoras atuais estão presentes nos desenhos de 50% das crianças. Portanto, metade das crianças se dispôs a desenhar a própria professora e as demais desenharam as merendeiras, as professoras de outras turmas, bem como pessoas de fora da instituição. Dessa forma, as professoras atuais foram desenhadas quatro vezes, as merendeiras 10 vezes e as professoras de outras turmas cinco vezes.

Quando perguntei às crianças o porquê de terem desenhado essas pessoas encontrei respostas como a de Bia que afirmou o fato de que essas pessoas trabalhavam na instituição e Duda, porque não sabia a quem desenhar. É possível inferir que o interesse ou a disposição em desenhar as pessoas pode estar atrelada aos significados que as crianças dão a determinado ambiente e pessoas que convivem com elas. Um aspecto que chama a atenção foi o fato das duas crianças (Bia e Duda) terem desenhado a pesquisadora. O motivo de a terem incluído nas escolhas pode demonstrar, como afirma Corsaro (2011), que ela foi aceita no grupo. A presença da pesquisadora no ambiente passou a ser percebida a partir das observações e como o trabalho de campo durou seis meses já não a tratavam como uma visitante, mas como uma das “tias”³ da instituição.

Quando foi perguntado para as crianças quem elas resolveram desenhar, a merendeira aparece tantas vezes quanto a professora atual. Apesar da professora e da merendeira terem sido desenhadas por quatro crianças, cabe ressaltar que Iuri e Erike desenharam quatro merendeiras cada um. Assim, se comparado ao número de professoras atuais (quatro) das crianças ao número de merendeira (dez), podemos observar que, no total geral, a presença delas sobrepõe-se à das professoras. Consequentemente, foi necessário questionar os motivos que levaram à reprodução de cada profissional desenhado.

Observei no desenho de Gabriel a forte presença da figura masculina, quando ele diz enfaticamente “Eu fiz um homem, um homem, um homem e uma mulher”. As pessoas

3 Todos os adultos que frequentavam ou apareciam na instituição eram chamados de tia ou tio.



que Gabriel desenhou foram: o porteiro, uma merendeira e dois monitores do projeto Escola Mais. As atividades realizadas pelos monitores atraem as crianças por conta de um planejamento baseado nas artes, que é desenvolvido na instituição. Observa-se que as escolhas dessa criança estão alicerçadas em seus interesses ou gostos. O porteiro se mostra bastante à vontade com as crianças, dando atenção e muitas vezes o flagrei brincando no pátio com elas, a merendeira serve o lanche que sacia uma necessidade física e os monitores promovem atividades pouco ou quase nunca realizadas pelas professoras.

As professoras das outras turmas foram citadas por quatro crianças (Bia, Duda, Iuri e Isabelle), estas justificaram as escolhas dizendo que eram professoras das primas, de coleguinhas e de outras turmas da instituição. Isabelle desenhou uma professora da turma de quatro anos e apesar de ter declarado na interlocução que a professora desenhada, não havia sido sua professora no ano anterior. Mas o que chamava a atenção de Isabelle para a prática pedagógica da professora da turma de quatro anos só foi possível perceber a partir do momento que voltei a observação para as atividades dessa professora. Ela brincava frequentemente com todas as crianças, fazia atividades fora da sala, promovendo descobertas.

Das quatro crianças que desenharam a atual professora na primeira etapa, apenas Luana desenhou somente sua professora. Contudo, ao ser questionada sobre o porquê de ter escolhido desenhar sua professora ela diz: “Eu escolhi desenhar o sol, a nuvem... O cachorro, a flor e a tia”. Ao se expressar, suas palavras podem demonstrar uma ordem de interesse. Dessa forma, recorri a Silva, Barbosa e Kramer (2005) quando afirmam que para compreendermos o que as crianças falam é preciso conhecer de onde elas falam. As crianças desenharam as pessoas e expressaram suas escolhas a partir do lugar que elas conheciam, das suas necessidades e subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três, das quatro crianças que desenharam suas professoras na primeira etapa, apresentaram justificativas da escolha alegando que não sabiam justificar os motivos que levaram a desenhar a própria professora. Apenas uma criança disse ter desenhado porque esta ensinava as crianças a serem educadas. Quanto ao primeiro desenho das outras quatro crianças, que na primeira etapa reproduziram as merendeiras, professoras de outras turmas, a pesquisadora e demais funcionários; é possível que as escolhas



destas pessoas possam estar relacionadas a seu contexto histórico, econômico e social, pois podem representar necessidades emergentes, como: atenção (pesquisadora), fome (merendeiras) e prazer (professoras de outras turmas que foram vistas brincando com as crianças). Evidentemente, são indícios ou relações que não resistem a uma análise rigorosa, mas que permitem ser tratadas como possibilidades explicativas.

Como uma das questões apresentadas pelo estudo, ressalto a necessidade de uma revisão crítica da organização do tempo, do espaço e das relações entre as professoras e as crianças. Aponto também a necessidade de uma revisão do processo educacional a partir do protagonismo das crianças, pois sem a participação efetiva destas o desenvolvimento da prática pedagógica pode ficar difícil e, conseqüentemente, demandar ações mais rígidas de controle por parte das professoras. Como conseqüência, aumenta a distância adulto/criança e torna mais difícil a atuação das professoras e a participação das crianças.

Palavras-chave: Crianças. Infâncias. Educação Infantil. Professoras.

REFERÊNCIAS

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Trad. Lia Gabriele Regius Reis; revisão técnica: Maria Letícia B. P. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SILVA, Juliana P. da; BARBOSA, Sílvia N. F.; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 41-64, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/.../8905>. Acesso em: 24 set. 2014.

SODRÉ, L. G. P. As indicações das crianças sobre uma edificação adaptada para a Educação Infantil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ, ano 5, nº 1, 1º semestre de 2005. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/11157/8879>. Acesso em: 12 mar. 2015.

_____. A (re) significação do papel da criança em diferentes contextos sociais e um breve paralelo com o modelo de desenvolvimento vigente. In: COLINVAUX, Dominique; LEITE, Luci Banks; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco (Org.). **Psicologia do desenvolvimento: reflexões e práticas atuais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 187-202.



____. **Relatório:** contribuições das crianças para análise e concepções de espaços de educação infantil. Texto digitado, agosto 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.